

CAPÍTULO 1

O «eu» independente

Quando era pequeno, nunca convivi com doenças graves nem com as dificuldades da velhice. Os meus pais, ambos médicos, eram saudáveis e estavam em boa forma física. Eram imigrantes indianos e criaram-me, a mim e à minha irmã, na pequena cidade universitária de Athens, no Ohio, por isso cresci longe dos meus avós. A única pessoa idosa que eu costumava encontrar regularmente era uma mulher que vivia na nossa rua e me deu aulas de piano no segundo ciclo. Mais tarde, ela adoeceu e teve de mudar de casa, mas não me passou pela cabeça perguntar-me para onde teria ido nem o que seria feito dela. A experiência de uma velhice moderna estava completamente fora da minha realidade.

Na faculdade, porém, comecei a namorar com uma rapariga do meu dormitório, chamada Kathleen, e no Natal de 1985, numa visita a casa dela, em Alexandria, na Virgínia, conheci a avó dela, Alice Hobson, que na época tinha setenta e sete anos. Achei-a uma pessoa vivaz e muito independente. Não tentava disfarçar a idade. Não pintava o cabelo branco e usava-o liso, com a risca ao lado, ao estilo da atriz Bette Davis. Tinha as mãos manchadas da idade e a pele enrugada. Vestia blusas e vestidos simples e impecavelmente passados a ferro, usava um batom discreto e andava de saltos altos, quando muita gente consideraria que já não tinha idade para isso.

Como vim a descobrir ao longo dos anos – porque a Kathleen e eu acabámos por nos casar –, a Alice foi criada numa povoação rural na Pensilvânia, conhecida pelas suas plantações de flores e cogumelos. O pai era floricultor e cultivava cravos, malmequeres e dalias, em estufas sem-fim. Alice e as irmãs foram as primeiras pessoas da família a frequentar o ensino superior. Na Universidade de Delaware, Alice conheceu Richmond Hobson, um aluno de Engenharia Civil. Devido à Grande Depressão, tiveram de esperar seis anos depois de se licenciarem para terem meios financeiros para se casarem. Nos

primeiros anos de casamento, a Alice e o Rich mudavam de casa com frequência por causa do trabalho dele. Tiveram dois filhos, o Jim, o meu futuro sogro, e depois o Chuck. O Rich foi contratado pelo Corpo de Engenheiros do Exército e tornou-se especialista na construção de grandes barragens e pontes. Uma década depois, foi promovido a um cargo no gabinete da chefia, na sede nos arredores de Washington, onde permaneceu até ao fim da carreira. Ele e a Alice instalaram-se em Arlington. Compraram um carro, fizeram viagens de automóvel pelos quatro cantos do país e, ao mesmo tempo, conseguiram fazer umas economias. Puderam mudar-se para uma casa maior e mandar os filhos intelectuais para a universidade sem terem de contrair empréstimos.

E depois, um dia, numa viagem de negócios a Seattle, o Rich teve um ataque cardíaco. Ele tinha um historial de angina e tomava comprimidos de nitroglicerina para aliviar as pontadas ocasionais de dores no peito, mas corria o ano de 1965 e, nessa época, os médicos não podiam fazer muita coisa em relação às doenças cardíacas. Ele morreu no hospital antes que a Alice lá pudesse chegar. Tinha apenas sessenta anos, e a Alice cinquenta e seis.

Com a pensão que recebia do Corpo de Engenheiros do Exército, ela conseguiu manter a casa de Arlington. Quando a conheci, ela vivia sozinha naquela casa, na Greencastle Street, há vinte anos. Os meus sogros, o Jim e a Nan, moravam perto, mas a Alice era completamente independente. Cortava ela própria a relva do jardim e sabia tratar das canalizações. Ia ao ginásio com a amiga Polly. Gostava de costura e tricô e de criar peças de roupa, uns cachecóis e umas rebuscadas meias natalícias vermelhas e verdes para a família toda, com o pormenor do Pai Natal com um botão cor-de-rosa a fazer de nariz e os nomes escritos no cós. Criou um grupo que fazia uma subscrição anual para assistir a espetáculos no Kennedy Center for the Performing Arts. Conduzia um grande *Chevrolet Impala V8*, sentada em cima de uma almofada para conseguir ver a estrada. Tratava das coisas do dia-a-dia, visitava a família, dava boleia a amigas e distribuía refeições porta a porta a pessoas com mais fragilidades do que ela.

Com o passar dos anos, tornou-se difícil não nos perguntarmos quanto mais tempo conseguiria ela manter aquele estilo de vida. Era uma mulher franzina, de um metro e cinquenta no máximo,

e, embora se eriçasse se alguém falasse nisso, perdia altura e forças a cada ano que passava. Quando me casei com a neta dela, a Alice sorriu de orelha a orelha e abraçou-me com força, dizendo-me que o casamento a deixara muito feliz, mas que estava demasiado afetada pela artrite para poder dançar comigo. E continuou a viver na sua própria casa, levando uma vida independente.

Quando o meu pai a conheceu, ficou surpreendido por saber que ela vivia sozinha. Ele era urologista, o que significava que via muitos doentes idosos e ficava sempre incomodado quando sabia que viviam sozinhos. Segundo ele, se ainda não tinham necessidades de monta, mais cedo ou mais tarde isso ia acontecer e, sendo oriundo da Índia, achava que cabia à família a responsabilidade de acolher os idosos, fazer-lhes companhia e cuidar deles. Desde que chegara a Nova Iorque, em 1963, para fazer o internato, o meu pai abraçara praticamente todos os aspetos da cultura americana. Abdicou do vegetarianismo e descobriu o mundo dos encontros românticos. Arranjou namorada, uma interna de Pediatria de uma parte da Índia onde não falavam a língua dele. Quando casou com ela, em vez de deixar o meu avô escolher-lhe uma mulher conveniente, a família ficou escandalizada. Ele tornou-se adepto fervoroso do ténis, presidente do Clube dos Rotários da zona e um contador de anedotas picantes. Um dos seus dias de maior orgulho foi o 4 de julho de 1976, o bicentenário da nação, em que recebeu a cidadania americana na presença de centenas de pessoas a aclamarem, no palanque da Feira do Condado de Athens, entre o leilão de porcos e o concurso de demolição. Mas uma coisa à qual nunca se conseguiu habituar foi à maneira como tratamos os nossos velhos e frágeis: deixamo-los viver em solidão ou isolamo-los numa série de instituições impessoais, onde passam os seus derradeiros momentos conscientes na companhia de enfermeiras e médicos que mal sabem como se chamam. Era o extremo oposto do mundo em que ele fora criado.

O pai do meu pai teve o tipo de velhice tradicional que, do ponto de vista ocidental, parece idílico. Sitaram Gawande era agricultor numa aldeia chamada Uti, a quinhentos quilómetros de Bombaim, no interior, onde os nossos antepassados cultivavam a terra há séculos.

Lembro-me de o ir visitar com os meus pais e a minha irmã, mais ou menos na mesma altura em que conheci a Alice, já ele tinha mais de cem anos. Era, de longe, a pessoa mais velha que eu conhecia na vida. Usava uma bengala e caminhava vergado pela cintura como uma haste de trigo dobrada. Era tão surdo que as pessoas tinham de lhe gritar ao ouvido por um tubo de borracha. Estava fraco e às vezes precisava de ajuda para se levantar de uma cadeira. Mas era um homem cheio de dignidade, com um turbante branco muito bem apertado, um casaco de malha castanho aos losangos, sem gelhas, e uns óculos antiquados, de lentes grossas, do género dos do Malcolm X. Estava rodeado e amparado pela família a tempo inteiro e era venerado, não apesar da idade, mas precisamente por causa dela. Era consultado sobre todas as questões importantes – casamentos, disputas de terras, decisões de negócios – e ocupava um lugar de grande honra na família. À hora das refeições, ele era o primeiro a ser servido. Quando iam jovens a casa dele, faziam uma vénia e tocavam-lhe nos pés, num gesto de humildade.

Na América, ele teria seguramente sido mandado para um lar de idosos. Os profissionais de saúde têm um sistema formal para classificar as pessoas consoante o seu grau de autonomia. Se não conseguir, sem ajuda, usar a casa de banho, comer, vestir-se, lavar-se, arranjar-se, sair da cama, levantar-se de uma cadeira e falar – as oito «Atividades da vida diária» –, uma pessoa não tem capacidade para a autonomia física básica. Se não conseguir fazer as compras sozinha, preparar a sua própria comida, tratar da casa, cuidar da roupa, tomar a medicação, fazer telefonemas, viajar sozinha e tratar das finanças – as oito «Atividades independentes da vida diária» –, a pessoa não tem capacidade para viver sozinha em segurança.

O meu avô só conseguia fazer algumas das atividades básicas de uma pessoa independente e umas quantas das mais complexas. Mas, na Índia, isto não tinha mal. A situação dele não desencadeou nenhuma reunião familiar de emergência, nem discussões angustiantes sobre o que fazer com ele. Era ponto assente que a família se certificaria de que o meu avô poderia continuar a viver como desejava. Um dos meus tios e a respetiva família viviam com ele e, com um pequeno rebanho de crianças, netos e sobrinhos sempre por perto, nunca lhe faltou ajuda.

Este contexto familiar permitiu-lhe manter um estilo de vida de que poucas pessoas idosas podem desfrutar nas sociedades modernas. A família fez com que ele pudesse, por exemplo, continuar a ser proprietário e a gerir a quinta, que construíra do nada – aliás, com menos do que nada. O pai dele tinha perdido tudo, exceto um hectare hipotecado e dois touros escanzelados, para um agiota, num ano em que a colheita fora uma desgraça. Ele morrera a seguir, deixando a Sitaram, o filho mais velho, as suas dívidas. Com apenas dezoito anos e acabado de casar, Sitaram foi obrigado a trabalhar por conta de outrem no único hectare que restava à família. A dada altura, a única comida que ele e a noiva tinham dinheiro para comprar era pão e sal. Estavam a morrer à fome. Mas ele rezou e trabalhou afincadamente com o arado e as suas preces foram atendidas. A colheita foi espetacular. Ele conseguiu não só pôr comida na mesa, mas também pagar as dívidas. Nos anos que se seguiram, transformou o seu hectare em mais de oitenta e tornou-se um dos proprietários rurais mais ricos da aldeia e ele próprio um agiota. Teve três mulheres, tendo sobrevivido a todas, e treze netos. Dava importância à educação, ao trabalho árduo, à frugalidade, a subir na vida a pulso, a manter-se fiel às suas raízes e a responsabilizar os outros no sentido de adotarem a mesma conduta. Ao longo da vida, acordou sempre antes de amanhecer e só se deitava depois de fazer uma inspeção noturna de cada hectare das suas terras a cavalo. Mesmo depois dos cem anos, teimava nisso. Os meus tios tinham medo de que ele caísse – estava fraco e com pouco equilíbrio –, mas eles sabiam que aquilo era importante para ele, por isso arranjaram-lhe um cavalo mais pequeno e certificaram-se de que alguém o acompanhava sempre. Fez a ronda das suas terras até ao ano em que morreu.

Se vivesse no Ocidente, isto teria parecido um absurdo. Não é seguro, teria dito o médico. Se ele insistisse em andar a cavalo e depois sofresse uma queda e fosse parar às Urgências com uma fratura do fémur, o hospital não o deixaria voltar para casa. Insistiriam para que fosse para um lar da terceira idade. Mas, no mundo pré-moderno do meu avô, a maneira como ele queria viver era uma escolha sua e o papel da família era simplesmente viabilizá-la.

O meu avô acabou por morrer com quase cento e dez anos, na sequência de uma queda de um autocarro em que bateu com a cabeça.

Foi ao tribunal de uma cidade vizinha, em trabalho, o que parece uma loucura, mas era uma prioridade para ele. O autocarro começou a andar quando ele ainda ia a sair e, embora fosse acompanhado por um familiar, caiu. Muito provavelmente sofreu um hematoma subdural, isto é, uma hemorragia intracraniana. O meu tio levou-o para casa e, nos dias que se seguiram, ele foi-se apagando. Pôde viver como queria e com a família à sua volta até ao finzinho.

Durante a maior parte da História da humanidade, para as pessoas que viviam até uma idade avançada, a experiência de Sitaram Gawande era a norma. Os idosos eram tratados em sistemas multigeracionais, em que muitas vezes viviam três gerações debaixo do mesmo teto. Até quando a família nuclear substituiu a família alargada (como aconteceu na Europa do Norte, há vários séculos), os idosos continuaram sem ter de enfrentar as vicissitudes da idade sozinhos. Normalmente, os filhos saíam de casa dos pais assim que tinham idade para constituir família, mas geralmente havia um filho que ficava, com frequência a filha mais nova, se os pais vivessem até uma idade avançada. Foi o destino que coube à poeta Emily Dickinson, em Amherst, no Massachusetts, em meados do século XIX. O irmão mais velho saiu de casa, casou-se e constituiu família, mas ela e a irmã mais nova ficaram a viver com os pais até eles morrerem. O pai de Emily viveu até aos setenta e um anos, quando ela já tinha entrado na casa dos quarenta, e a mãe viveu ainda mais tempo. Ela e a irmã acabaram por passar a vida inteira no lar paterno.

Por mais distinta que a vida dos pais de Emily Dickinson na América possa parecer da vida de Sitaram Gawande na Índia, ambas assentavam em sistemas que partilhavam da vantagem de resolverem facilmente a questão do cuidado dos idosos. Não era necessário poupar dinheiro para assegurar uma vaga num lar da terceira idade, nem para pagar a entrega de refeições ao domicílio. Era ponto assente que os pais continuariam a viver na sua própria casa, com o auxílio de pelo menos um dos filhos que tinham criado. Nas sociedades contemporâneas, pelo contrário, a velhice e a doença deixaram de ser uma responsabilidade partilhada entre várias gerações e tornaram-se uma espécie de estado privado: algo vivido em grande parte a sós ou

com a ajuda de médicos e instituições. Como é que isto aconteceu? Como é que passámos da vida de Sitaram Gawande para a de Alice Hobson?

Uma das respostas é que a própria velhice mudou. No passado, era pouco comum as pessoas viverem até chegarem a velhas e as que de facto sobreviviam até tão tarde cumpriam uma função especial enquanto guardiãs da tradição, do conhecimento e da história. Normalmente mantinham o seu estatuto e autoridade enquanto chefes da casa até morrerem. Em muitas sociedades, os idosos não só granjeavam respeito e obediência, mas também chefiavam rituais sagrados e detinham poder político. Era tanto o respeito dado aos idosos que as pessoas costumavam fingir que eram mais velhas do que na realidade eram e não mais novas, quando diziam a idade. As pessoas sempre mentiram sobre a idade. Os demógrafos chamam a este fenómeno «arredondamento da idade» (*age heaping*) e engendraram complexas manobras quantitativas para corrigir as mentiras dos recenseamentos. Repararam também que, no século XVIII, nos Estados Unidos e na Europa, o rumo das nossas mentiras mudou. Enquanto hoje, muitas vezes, as pessoas tiram anos à sua idade real quando os recenseadores fazem a recolha de dados, estudos sobre recenseamentos passados revelaram que, antigamente, as pessoas costumavam dizer que eram mais velhas. A dignidade da velhice era algo a que toda a gente aspirava.

Mas a idade perdeu o seu valor de coisa rara. Na América, em 1790, as pessoas com sessenta e cinco anos ou mais constituíam 2 por cento da população; hoje, constituem 14 por cento. Na Alemanha, Itália e no Japão, excedem os 20 por cento. A China é atualmente o primeiro país na terra com mais de cem milhões de pessoas idosas.

Quanto ao domínio que os idosos costumavam ter sobre o conhecimento e a sabedoria, também isso foi minado, graças às tecnologias de comunicação, a começar pela escrita em si e acabando na Internet e por aí fora. As novas tecnologias criam igualmente novas ocupações e requerem novas mestrias, o que corrói ainda mais o valor de uma longa experiência e de uma opinião apurada. Antigamente, era natural recorrermos a uma pessoa de idade para que ela nos explicasse o mundo. Hoje, consultamos o Google e, se tivermos problemas com o computador, pedimos ajuda a um adolescente.

Creio que, acima de tudo, o facto de vivermos mais tempo acarretou uma mudança na relação entre novos e velhos. Tradicionalmente, os pais eram uma fonte de estabilidade crucial, de conselhos e proteção económica para as jovens famílias que procuravam caminhos para uma vida segura. E como normalmente os proprietários de terras se agarravam às suas propriedades até morrerem, os filhos que sacrificavam tudo para cuidar dos pais sabiam que herdariam todo o património, ou pelo menos uma parte maior do que os filhos que se fossem embora. Mas, assim que os pais começaram a viver assumidamente mais tempo, surgiu tensão entre as gerações. Para os jovens, o sistema familiar tradicional tornou-se menos uma fonte de segurança e mais uma luta pelo controlo: controlo das propriedades, das finanças e inclusive das decisões mais básicas sobre como podiam viver.

E de facto, na família tradicional do meu avô Sitaram, a tensão geracional estava sempre latente. Podem imaginar como se sentiram os meus tios, quando o pai fez cem anos e eles próprios entraram na velhice, ainda à espera de herdarem as terras e ganharem independência económica. Soube de batalhas amargas que foram travadas em famílias da aldeia, entre os idosos e os filhos adultos por causa de terras e dinheiro. No último ano de vida do meu avô, houve uma discussão irada entre ele e o meu tio que vivia com ele. A causa que esteve na origem não é clara: talvez o meu tio tenha tomado uma decisão de negócios sem consultar o meu avô; talvez o meu avô tenha querido sair e ninguém se prontificou para o acompanhar; talvez ele gostasse de dormir com a janela aberta e eles com a janela fechada. Fosse qual fosse o motivo, a discussão culminou (dependendo de quem contava a história) com o Sitaram ou a sair intempestivamente de casa a meio da noite ou a ser expulso de casa. Não se sabe como, mas ele conseguiu chegar a casa de outro familiar, que ficava a quilómetros de distância, e durante dois meses recusou-se a regressar à sua quinta.

O desenvolvimento económico global alterou drasticamente as oportunidades dos jovens. A prosperidade de países inteiros depende da vontade de os jovens se libertarem das grilhetas das expectativas familiares e seguirem o seu próprio caminho: procurar emprego onde quer que seja, escolher a carreira que lhes apetecer, casar com quem quiserem. Foi o que aconteceu com o meu pai, cujo percurso

o levou de Uti para Athens, no Ohio. Deixou a aldeia, primeiro, para frequentar a Universidade de Nagpur e, depois, para fazer carreira nos Estados Unidos. À medida que foi progredindo na profissão, foi mandando cada vez mais dinheiro para a família na Índia, ajudando assim a construir novas casas para o pai e os irmãos, a levar água potável e telefones à aldeia e a instalar sistemas de irrigação que asseguravam as colheitas, mesmo quando as estações das chuvas eram más. Mandou inclusive construir um instituto superior rural ali perto, ao qual deu o nome da mãe. Mas não havia como negar que ele partira e não ia regressar.

Por muito incomodado que o meu pai tenha ficado com a maneira como a América trata os idosos, a verdade é que a velhice mais tradicional do meu avô só foi possível porque os irmãos do meu pai não saíram de casa como ele. Pensamos, nostalgicamente, que queremos o tipo de velhice que o meu avô teve. Se não o temos, porém, é porque, na realidade, não é verdadeiramente isso que desejamos. O padrão histórico é claro: assim que as pessoas obtinham os meios e a oportunidade para abandonarem esse modo de vida, faziam as malas e partiam.

O pormenor fascinante é que, com o tempo, não parece que os idosos tenham tido uma pena por aí além de ver os filhos sair de casa. Os historiadores afirmam que os idosos da era industrial não sofreram economicamente e não se sentiram descontentes por ficarem sozinhos. Em vez disso, com as economias crescentes, ocorreu uma mudança no padrão que pautava o direito de propriedade. Quando os filhos saíram de casa em busca de oportunidades noutros lugares, os pais que viviam até mais tarde perceberam que podiam alugar ou inclusive vender as suas terras em vez de as legarem aos filhos. Os salários mais altos e, depois, os sistemas de pensões permitiram a cada vez mais pessoas acumular economias e propriedades e, por conseguinte, manter o controlo económico das suas vidas na velhice, libertando-as da necessidade de trabalhar até à morte ou à invalidez total. Começou a delinear-se o conceito radical de «reforma».

A esperança de vida, que em 1900 não chegava aos cinquenta anos, disparou para mais de sessenta na década de 1930, graças às

melhorias verificadas na alimentação, saneamento e cuidados médicos. O tamanho das famílias caiu de uma média de sete filhos, em meados do século XIX, para apenas três filhos, após 1900. A idade média com que as mulheres tinham o último filho também diminuiu: da menopausa para trinta ou mais jovem. Como resultado, muito mais pessoas viviam o tempo suficiente para ver os filhos chegar à idade adulta. No início do século XX, uma mulher teria cinquenta anos quando o último filho atingisse a maioridade, com vinte e um anos, em vez de ser sexagenária, como no século anterior. Os pais passaram a dispor de muitos anos, uma década ou mais, antes de eles ou os filhos se terem de preocupar com a velhice.

Portanto, o que fizeram foi andar para a frente, exatamente como os filhos. Dada a oportunidade, tanto os pais como os filhos viram na separação uma forma de liberdade. Sempre que os idosos dispõem de meios financeiros, têm optado por uma coisa a que os sociólogos chamam «intimidade à distância». Enquanto na América do início do século XX, 60 por cento das pessoas com mais de sessenta e cinco anos moravam com um filho, nos anos 60 a proporção já tinha caído para 25 por cento. Em 1975, estava abaixo dos 15 por cento. O padrão é mundial. Só 10 por cento dos europeus com mais de oitenta anos vive com os filhos e quase metade vive completamente sozinha, sem um cônjuge. Na Ásia, onde a ideia de um progenitor idoso ficar a viver sozinho sempre foi tradicionalmente considerada uma vergonha – que era a opinião do meu pai –, está a ocorrer a mesma mudança radical. Na China, no Japão e na Coreia, as estatísticas nacionais mostram que a percentagem de idosos que vivem sozinhos está a subir rapidamente.

Na verdade, isto é sinal de um enorme progresso. As opções para os idosos proliferaram. Del Webb, um construtor do Arizona, popularizou o termo «comunidade de reformados» em 1960, ao inaugurar a Sun City (Cidade do Sol), um bairro em Phoenix que foi um dos primeiros a aceitar apenas reformados como moradores. Na época, a ideia foi controversa. A maior parte dos construtores imobiliários achava que os idosos queriam ter mais contacto com as outras gerações. Webb achava que não. Acreditava que as pessoas, na sua última fase da vida, não queriam viver como o meu avô, com a família a estorvar. Construiu Sun City como um lugar com uma visão alternativa

de como as pessoas deviam passar aquilo a que chamou «os seus anos de lazer». Tinha um campo de golfe, uma galeria comercial e um centro recreativo, e oferecia a perspectiva de uma reforma ativa, com atividades recreativas e jantares no restaurante, na companhia de pessoas semelhantes. A visão de Webb tornou-se incrivelmente popular e na Europa, nas Américas e inclusive na Ásia, as comunidades de reformados tornaram-se uma presença normal.

Para quem não estava interessado em mudar-se para um lugar desse género – a Alice Hobson, por exemplo –, tornou-se aceitável e exequível permanecer na sua própria casa, a viver a seu bel-prazer, autonomamente. Esse facto continua a ser um motivo de regozijo. Este é indiscutivelmente o melhor período da História para se ser velho. As linhas de poder entre as gerações foram renegociadas e não como por vezes se julga: os idosos não perderam estatuto social e controlo, passaram simplesmente a partilhá-los. A modernização não despromoveu os idosos; despromoveu a família. Deu às pessoas – novas e velhas – um modo de vida com mais liberdade e controlo, incluindo a liberdade de ser menos grato às outras gerações. A veneração aos idosos pode ter desaparecido, mas não por ter sido substituída pela veneração aos jovens. Foi substituída pela veneração ao «eu» independente.

Resta um problema relativamente a este modo de vida. A nossa reverência pela independência não tem em conta a realidade da vida: mais cedo ou mais tarde, a independência torna-se impossível. Uma doença grave ou debilidade atinge-nos, inevitável como o pôr do sol. E eis que surge uma nova questão: se a independência é o nosso objetivo de vida, o que é que fazemos quando ela deixa de ser possível?

Em 1992, a Alice fez oitenta e quatro anos. Estava de excelente saúde. Tinha feito a transição para uma dentadura postiça e sido operada a cataratas nos dois olhos, mas mais nada. Não tinha passado por doenças graves nem hospitalizações. Continuava a ir ao ginásio com a amiga Polly e a fazer as compras sozinha e a cuidar da casa. O Jim e a Nan ofereceram-lhe a possibilidade de transformar a cave de casa deles num apartamento para ela. Talvez lhe facilitasse a vida,

disseram. Ela nem quis pôr a hipótese. Não fazia tenções de viver de outra maneira que não sozinha.

Mas as coisas começaram a mudar. Numas férias na montanha, com a família, a Alice não apareceu para almoçar. Encontraram-na sentada no chalé errado, a perguntar-se onde se teriam metido todos. Nunca a tínhamos visto assim, tão confusa. A família ficou de olho nela, nos dias seguintes, mas não aconteceu mais nada fora do normal e, por isso, todos nós pusemos o assunto de parte.

Até que um dia, a Nan, quando foi visitar a Alice a casa dela, reparou que tinha nódoas negras nas pernas de alto a baixo. Caíra?

Não, disse Alice, a princípio, mas depois acabou por admitir que tinha caído nas escadas de madeira da cave. Foi só uma escorregadela, teimou. Podia ter acontecido a qualquer pessoa. Para a próxima, teria mais cuidado.

Passado pouco tempo, porém, caiu novamente e a essa queda seguiram-se outras. Não partiu nenhum osso, mas a família começou a ficar preocupada, por isso o Jim fez o que todas as famílias fazem, hoje em dia: levou-a ao médico.

O médico fez uns exames. Descobriu que a Alice tinha osteoporose e recomendou cálcio. Alterou a medicação dela e receitou-lhe uns medicamentos novos. Mas a verdade é que ele não sabia o que fazer. Não lhe tínhamos levado um problema solucionável. A Alice estava instável, com falhas de memória. Os problemas iam inevitavelmente agravar-se. Não seria possível preservar a independência dela por muito mais tempo. Mas ele não tinha respostas, nem um rumo, nem conselhos para dar. Nem sequer foi capaz de descrever o eventual quadro futuro.